

FOUCAULT: O CUIDADO DE SI E SUAS IMPLICAÇÕES NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Robison Pereiraⁱ

RESUMO

A presente pesquisa aponta o horizonte e reflexão de Foucault, para que se tenha noção da extensão de sua trajetória nas ciências sociais. Com efeito, o objeto desta reflexão, sob a ótica de Foucault, é o “cuidado de si”, com o significado de conjunto de práticas no estoicismo romano, emprestando o pensamento de Sêneca. É relevante salientar que pensar sobre o cuidado de si não implica deixar à margem o problema da verdade e do poder, uma vez que são interdependentes. Quer-se dizer, para Foucault, o saber e o poder se relacionam: não há relação de poder sem a constituição de um campo de saber, bem como, reciprocamente, todo saber constitui novas relações de poder. Todo ponto de exercício do poder é, ao mesmo tempo, um lugar de formação de saber. E é essa relação entre saber e poder que demarca, constitui, define e autoriza um dado sujeito, sobretudo, um ator social como o professor. Atualizando a discussão, o cuidado de si, pressupõe na formação docente, como algo para além da aquisição de técnicas e de conhecimento, mas a verdade e o conhecimento como espaço crucial da socialização e da configuração profissional. Sabe-se que não é fácil para muitos professores, a (des)naturalização de conceitos e práticas pedagógicas, mas é preciso estabelecer conflitos entre essas pré-noções para uma educação escolar, onde, por exemplo: as diferenças devam ser o mote as ações pedagógicas e não a tolerância.

Palavra chave: Foucault. Conhecimento. Poder. Cuidado de si. Professor.

INTRODUÇÃO

Michel Foucault, pensador francês contemporâneo, na trajetória das ciências sociais e humanas, conseguiu elevar e mover seu conhecimento no percurso histórico elegendo alguns problemas como referência para sua reflexão. Entre os problemas selecionados, existem eixos temáticos comuns que atravessam sua diversidade, abrangendo as seguintes problemáticas: da “verdade”, na qual se encontra o problema da constituição histórica de saberes; da questão do “poder” prática social e a conseqüente conexão entre ordem e verdade; e da questão do “sujeito” no sentido da formação do homem historicamente objetivado e subjetivado no plano do conhecimento.

Para entender este texto, é importante, mesmo que superficialmente, apontar o horizonte de reflexão de Foucault, para que se tenha noção da extensão de sua trajetória nas ciências sociais. Com efeito, o objeto desta reflexão, sob a ótica de Foucault, é o “cuidado de si” ou *epimeleia heautou*, com o significado de conjunto de práticas no estoicismo romano, emprestando o pensamento de Sêneca, e suas implicações na formação de professores.

É relevante salientar que pensar sobre o cuidado de si não implica deixar à margem o problema da verdade e do poder, uma vez que são interdependentes. Parece que, para Foucault, o saber e o poder se relacionam: não há relação de poder sem a constituição de um campo de saber, bem como, reciprocamente, todo saber constitui novas relações de poder. Todo ponto de exercício do poder é, ao mesmo tempo, um lugar de formação de saber. E é essa relação entre saber e poder que demarca, constitui, define e autoriza um dado sujeito, sobretudo um ator social como é o professor – educador. Acerca da formação do sujeito na trama social da história, Foucault (2006) analisa essa questão em sua genealogia.

Quer-se dizer que a formação do sujeito em Foucault só poderá ser compreendida se cotejada com a elaboração e os deslocamentos de seu pensamento, já que, segundo distintos enfoques de uma “história arqueológica”, ela delinea uma crítica à filosofia do sujeito, em que o homem aparece como sede da verdade. Nos escritos da “arqueologia”, ao descrever os solos históricos que determinam o aparecimento e a organização dos

saberes de uma, Foucault distancia-se tanto de uma concepção da verdade como essência quanto da categoria de um sujeito transcendental. A figura do homem que conhecemos é recente. Resulta de uma mudança nas disposições do saber, que cabe à arqueologia de nosso pensamento revelar.

A CULTURA DE SI

Como se salienta, toda essa problemática encontra-se nos eixos temáticos de Foucault: a questão do poder, do saber e do sujeito. Com relação a este último, interessa a questão da ação, significando cuidado de si. Tal ação, conforme argumenta Foucault (2005), no sentido grego do termo, é o *ethos* de cada um em movimento, é maneira de ser e se conduzir, é o que se pode, hoje, nomear como ética. Assim, o cuidado de si está imbricado na ética, no sentido de técnica de conduzir-se.

É importante ressaltar que o citado autor faz uma digressão, da Grécia até a Modernidade, sobre a “cultura de si” (FOUCAULT, 2005, p. 50), argumentando que o princípio do “cuidado de si” tem um entendimento bastante geral, podendo ser compreendido como preceito segundo o qual convém ocupar-se consigo mesmo, ou seja, uma atitude, uma maneira de se comportar. Essas práticas que impregnaram formar de viver se desenvolveram em procedimentos e receitas que eram refletidas, desenvolvidas, aperfeiçoadas e ensinadas.

O cuidado de si constitui-se, assim, como uma prática social, cedendo lugar a relações interindividuais, trocas e comunicações e, até mesmo, a instituições, como a escola estoica, proporcionando, dessa forma, certo modo de conhecimento e elaboração de um saber.

Esse saber, cuidado de si, constituía-se socialmente como uma prática; havia grupos que detinham o saber sobre o cuidado de si e, conseqüentemente, detinham o poder, pois o cuidar do outro implicava uma relação de quem detinha o saber. Essa era uma prática institucionalizada, por exemplo, na Roma Imperial, posto que as famílias ricas tinham ao seu dispor um filósofo conselheiro que direcionava e incentivava seus senhores. É assim que Demétrio era o guia de alma de Thrasea Paetus, que o fez

participar da encenação de seu suicídio, para que o ajudasse, nesse último momento, a dar à sua existência a mais bela e bem-acabada forma.

UM MERGULHO NA HISTÓRIA PARA REFLETIR SOBRE O CUIDADO DE SI

A Grécia é o ponto de partida de Foucault (2005) sobre a *epimeleia*, ao analisar as duas obras de Platão: *Apologia de Sócrates* e *Alcebiades*. É nelas que ele irá buscar o significado do cuidado de si como preceito da vida filosófica e moral da Grécia antiga. Foucault sinaliza, nessas obras, como o cuidado de si é importante, tanto como forma de conduzir a vida individual quanto como preceito filosófico de conduzir cada um à felicidade. Ademais, esse cuidado deverá refletir não um bem particularizado, mas um bem coletivo para a própria cidade. Isto é, Foucault diz que Sócrates, ao cuidar de si, tem a função, o ofício e o encargo de incitar os outros a se ocuparem consigo e, assim, conseqüentemente, com a cidade.

De acordo com Foucault, nessa trama socrática está implícita tanto a questão do saber quanto a do poder, uma vez que Sócrates via informes de Platão e Xenofonte, colocava em prática sua ironia, desenvolvendo em cada cidadão ateniense o poder de conhecer a si próprio.

Encontra-se, assim, o olhar de Foucault, no contexto helenístico, ao ver o sujeito se manifestando, seu *ethos* em ação, possuidor de um saber e do poder institucionalizado. Esta é uma reação política que se iniciou contra a dominação Macedônia na Grécia. Não houve afastamento ou recolhimento, como pensam alguns, mas uma nova maneira de agir e participar politicamente por meio dos preceitos estabelecidos pelos estóicos para viverem bem em uma Cosmópolis.

Esse ideal de Cosmópolis foi de Alexandre (O Grande), na acepção de Will Durant (1993), ao expandir seu império até o Oriente. Foi pela expansão da Macedônia, por meio de seu imperador, que propagou todo o conhecimento grego, pois era um de seus projetos levar a cultura grega aos povos considerados bárbaros. Com a queda da Macedônia, em 148 a.C., surgiu um novo império: o romano. É na Roma dos cézares, a partir dos anos 46 a.C., até o início da era cristã, foi encontrado um dos últimos

pensadores do estoicismo: Lúcio Aneu Sêneca, que conviveu com o último dos estóicos romanos: o imperador Marco Aurélio.

Esse recurso histórico foi utilizado aqui para dizer que Sêneca é referência para Foucault sobre o cuidado de si na obra *História da sexualidade: o cuidado de si*. Tal estudo incitou a curiosidade para entender o olhar desse autor sobre a questão da técnica do cuidado de si nesse estóico romano.

Pelo olhar de Foucault, percebe-se onde estava contextualizado o pensamento de Sêneca, ou seja, tinha como contexto a estrutura política romana, na qual sua técnica, com o significado de condutora da alma, será posta em prática. Entre as funções instituídas em Roma estava a manutenção de preceptores ou educadores filósofos. O próprio Sêneca foi preceptor de Nero.

Essa referência de Sêneca está contida em seu livro *Da tranqüilidade da alma*, muitas vezes citado por Foucault, sobretudo quando interpreta a *epimeleia heautou*. Esse cuidado de si tem alguns significados que aparecem no decorrer da leitura de Sêneca.

No referido livro, Sêneca mantém uma conversa com o amigo Sereno, que faz uma exposição sobre inquietações da alma perturbada pela vivência na cidade. Sereno aponta três tipos de vícios que inquietam a alma, manifestando-se da seguinte forma: uns visíveis, outros que se dissimulam nas regiões mais profundas da alma, além de alguns outros que não são contínuos, mas reaparecem somente em intervalos, que são os mas desagradáveis.

Mas por que Sereno se expõe tanto? Ele se expõe a Sêneca por saber que é um filósofo, detentor, assim, de conhecimento e, portanto, de poder. Mesmo em tempos contemporâneos não é a qualquer homem que nos expomos, mas aos que achamos terem um saber qualificado, capaz de nos conduzir a um referencial desejado. Na atualidade, nós professores. Aqui, no caso, trata-se da busca da tranqüilidade desejada por Sereno. Sêneca é uma referência por possuir um saber que lhe possibilita viver feliz em qualquer lugar. Este é um dos preceitos estóicos: “ser feliz em qualquer parte da Cosmópolis”, que Sêneca conhece bem e pratica.

Ainda de acordo com Sêneca (1985), no estóico romano, toda a inquietude por Sereno vem de sua atitude consigo mesmo, com os outros e com o mundo. Com relação a si mesmo, o autor argumenta que, por natureza, a alma é dotada de necessidade de

movimento, e, por isso, estão todos os homens em um fluxo constante, afirmando que, assim como as viagens se sucedem, um espetáculo substitui o outro, e, como diz Lucrécio: “Assim cada um foge sempre de si mesmo”. Mas para que fugir se não podemos nos evitar? Seguimo-nos sempre, sem nos desembaraçarmos dessa intolerável companhia.

Parece que essa é a questão central que Foucault nos apresenta, ou seja, é a atitude que deverá ser modificada, nossa intolerável companhia, uma vez que estamos inseridos em um contexto social e político que muitas vezes independe de nós, mas no qual precisamos atuar, além de compartilhar com os outros certas referências. É essa a tentativa de Sêneca ao apontar a Sereno novos hábitos para que possa viver tranqüilo consigo mesmo em qualquer lugar. O que deve ser mudado é o olhar do movimento externo para si mesmo.

A ação do sujeito social e político só fará sentido se não pretender indicar “a” verdade. Depende de reconhecer que a verdade não se situa fora do poder e do saber, isto é, das relações externas. Com efeito, para Foucault, a verdade é deste mundo, sendo produzida a partir de múltiplos constrangimentos. O papel do intelectual não será expressar a “consciência de todos”, colocar-se à frente para dizer a muda verdade de todos. O intelectual que atua no domínio do “universal” e do “exemplar” é substituído pela figura do intelectual que necessariamente ocupa uma posição específica. Sua atuação é local e regional e, como qualquer ação política, apenas terá significado se não comportar uma pretensão totalizadora e puder atuar localmente no regime de “verdade/poder” em que estiver inserido, o que desconstrói a incompreensão de que o autor trabalha com questões de instituições totais.

Vejam, então, outra noção, de Foucault (2005), acerca da *epimeleia heautou*, como sendo atenção ou olhar. Essa atenção, esse olhar, deve se converter em atenção do exterior para si mesmo. Essa busca é o que Foucault (2005) denomina como “retorno” da verdade sobre o sujeito. É essa verdade que, para Sêneca, segundo Foucault, ilumina, dá beatitude, confere tranqüilidade à alma. É no acesso à verdade que há alguma coisa completando o próprio sujeito, o ser mesmo do sujeito, transformando-o. É por meio da conversão que o sujeito encontrará a verdade e, conseqüentemente, a tranqüilidade.

Entende-se, por conseguinte, que as inquietações vêm do movimento externo que afeta a alma em fortes deslocamentos, as paixões, que deixam os homens em estado de agitação. O conselheiro estóico sabe da dificuldade que o homem enfrenta para se modificar, uma vez que os hábitos viciosos já impregnaram sua alma e que são difíceis de serem arrancados sem dor. Mas parece ser a dor a intensificadora do processo da vida.

É relevante frisar, ainda, um outro significado do cuidado de si designado por Foucault no sentido de ações. São aquelas ações exercidas de si para consigo mesmo, aquelas pelas quais nos assumimos, modificamo-nos, purificamo-nos e transformando-nos.

Remetendo ao estóico romano, interroga seu companheiro sobre a forma de vida que leva na superficialidade das relações externas da cidade. É necessária, então, uma modificação em si mesmo, mas, para ter acesso à modificação, faz-se urgente a conversão para si, pois a tranquilidade só será alcançada nesse retorno; a verdade de si é encontrada na alma, e não nas relações externas.

Esse interrogar sobre como o sujeito tem acesso a essa verdade é que Foucault (2005) denomina como filosofia, é o que ele crê poder denominar “espiritualidade”, que é entendida como o conjunto de buscas, práticas e experiências, tais como as purificações, asceses, renúncias, conversões do olhar, modificações da existência, que contribuem não apenas para o conhecimento, mas para o sujeito, para o ser mesmo do sujeito, o preço a pagar para ter acesso à verdade.

É essa trama entre sujeito e verdade que Foucault procura entender no percurso da história do Ocidente. É como o saber e o poder vão definindo e autorizando certo sujeito. É a partir daquilo que vai entender por sujeito que serão arranjadas e estabelecidas tais práticas ou técnicas que visam garantir ou transformar o sujeito. É esse processo que ele vê nos estóicos, uma vez que desejam um sujeito que seja capaz de viver em qualquer cidade. Para tanto, faz-se necessário acumular novos saber e poder capazes de transformar o sujeito que já se encontra constituído.

O CUIDADO DE SI, COMO IDEIA PARTILHADA NO AMBIENTE DA ESCOLA.

Tomado de empréstimo as ideias de Foucault e atualizando a discussão para o nosso caso – professores (as) sabe-se que não é fácil para muitos professores, desnaturalizar conceitos, hábitos, práticas pedagógicas, mas é preciso estabelecer conflitos entre esses pré-estabelecidos e uma concepção de educação escolar, em busca de um conhecer a si, onde por exemplo as diferenças devam ser o mote das ações pedagógicas não a tolerância. Posto que, como já assinalou, o pensador francês, o cuidado de si deve refletir uma ideia comunitária para toda escola – cidade. Aqui as inquietudes em viver a cidade é tornar a diferença uma positividade, uma afirmação, uma verdade, para que as práticas escolares sejam realmente educativas GOMES e SILVA (2011).

Com efeito, NÓVOA (1995 apud GOMES e SILVA, 2011), mais do que um lugar de aquisição de técnicas e de conhecimentos, a formação de professores é o momento crucial da socialização e da configuração profissional. Essa pode desempenhar um papel importante na formação de uma “nova profissionalidade” docente, estimulando a emergência de uma cultura profissional entre o professor e de uma cultura organizacionais escolas.

A nossa saída da angustia (sofridão) e beleza é ao assumirmos essa postura, é preciso também considerar que a propostas de construção de uma pedagogia multicultural, que valore e respeite as diferenças, significa lidar com conflitos, os confrontos, as desigualdades. Para se construir experiências de formação de professores (as) que incorporem e visem a uma educação diversa... que respeite as diferenças é preciso discutir-se. Afinal quantos Serenos já nos procuram em sala de aula, para entender a si mesmo.

Afinal, de acordo com António Nóvoa (1995), o professor é uma pessoa; e uma parte importante da pessoa é o professor. Depreende-se que, também há Sênecas em nós. Ou seria um exagero tal afirmativa!?

Quer se dizer, toda e qualquer oportunidade de constituição de ser professor (a) e compreender a cidade – lutas sociais e inserir-se nelas, tem que de considerar aspectos subjetivos das relações étnico/raciais, de gênero, geracionais e de classe.

Posto que, contraditoriamente, por mais fascinante e desafiadora que a presença da diversidade possa parecer, o trato não segregador e não discriminatório das diferenças ainda é uma postura político e profissional ausente de muitas práticas pedagógicas e de vários processos de formação de professores (as).

À GUIA DE CONCLUSÃO

Por fim, Foucault afirma, também, que “onde há poder, há resistência”. A inquietação que motiva essas críticas deverá ser cotejada com um segundo deslocamento ocorrido no interior da própria “analítica do poder” elaborada por Foucault. A partir da publicação de *A vontade de saber*, as análises sobre os mecanismos da normalização disciplinar serão integradas no interior de uma rede de inteligibilidade mais ampla.

Por conseguinte, nesse trabalho do final dos anos 1970 e início dos anos 1980, há um forte apelo do pensamento político de Foucault às novas formas que podem assumir as modalidades de luta e resistência. Elas terão a densidade de contracondutas individuais, bem como de coletivas. Podem se configurar como as ações e os movimentos que se opõem às formas de condução das condutas no interior de uma racionalidade política. Portanto, Foucault desarticula outra incompreensão, a de que o autor seria um niilista negativo. Não, ele apresenta uma nova estética de resistência produzida com riqueza e acuidade em sua vida e obra. Professores, aproveitemos pois.

FONTES CONSULTADAS

DURANT, Will. **História da civilização**: nossa herança clássica. v. II. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1993.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1977.

_____. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões.** Petrópolis/RJ: Ed. Vozes, 1987.

_____. **A ordem do discurso.** São Paulo: Ed. Loyola, 1996.

_____. **Resumo dos Cursos do Collège de France (1970-1982).** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

_____. **História da sexualidade 2: o uso dos prazeres.** Rio de Janeiro: Ed. Graal, 2003a.

_____. **Estratégia, poder-saber.** Rio de Janeiro: Ed. Forence Universitária, 2003b.

_____. **História da sexualidade 3: o cuidado de si.** Rio de Janeiro: Ed. Graal, 2005.

_____. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Ed. Graal, 2006.

GOMES, Nilma Lino e SILVA, Petronilha B. Gonçalves de. **Experiências étnico-culturais para a formação de professores.** Belo Horizonte - MG: Autêntica Editora, 2011.

SENECA, Lúcio Aneu. Da tranquilidade da alma. In: OS PENSADORES. São Paulo: Abril Cultural, 1985.

ⁱⁱ Robison Pereira é professor assistente da Universidade Estadual do Piauí, Campus de Floriano.